

A música

1. *Padres apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II apologias e diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lion
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, Santo Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – A vida feliz*, Santo Agostinho
12. *A graça I*, Santo Agostinho
13. *A graça II*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *A doutrina cristã*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentário ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Os seis dias da criação*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a epístola aos Romanos – Comentários sobre a epístola aos Gálatas – Homílias sobre a epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra pastoral*, Gregório Magno
29. *A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lion
34. *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras completas I*, Cipriano de Cartago
- 35/2. *Obras completas II*, Cipriano de Cartago
36. *O sermão da montanha – Escritos sobre a fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade – Escritos éticos – Cartas*, Novaciano
38. *Homílias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos*, Orígenes
39. *A mentira – Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças*, Santo Agostinho
41. *A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho
43. *Retratações*, Santo Agostinho
44. *Comentário ao Evangelho de Mateus*, São Jerônimo
45. *A música*, Santo Agostinho

SANTO AGOSTINHO

A MÚSICA

TRADUÇÃO: ÉRICO NOGUEIRA



Título original: *De musica libri sex*

Tradução, introdução e notas: *Érico Nogueira*

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Silvio Ribas*

Coordenação editorial: *Heres Drian de Oliveira Freitas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

A música / Santo Agostinho; tradução, introdução e notas de Érico Nogueira. – São Paulo: Paulus, 2021.
(Coleção Patrística)

Título original: *De musica libri sex*

ISBN 978-65-5562-195-2

1. Teoria musical - Obras anteriores a 1800 2. Música - Filosofia e estética - Obras anteriores a 1800
3. Padres da Igreja - Escritos 4. Arte e Deus 5. Música e religião I. Título II. Nogueira, Érico III. Série

21-0856

CDD 781

Índice para catálogo sistemático:

1. Teoria musical - Obras anteriores a 1800



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-195-2

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção Sources Chrésiennes, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infndas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão de um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, de suas origens, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a

da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades torno dessa expressão, os estudiosos convencionaram receber como “Pai da Igreja” aqueles que têm estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Pais da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária,

não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apolo-gético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

A MÚSICA DE AGOSTINHO, POR AGOSTINHO

Érico Nogueira

Sobre a longa vida e prolíficentíssima atividade literária de Aurélio Agostinho (Tagaste, 354 d.C. – Hipona, 430 d.C.) estamos, felizmente, bastante bem informados. Com efeito, seja por meio das *Confissões* e muitos outros escritos mais ou menos autobiográficos, seja por meio de testemunhos diretos, como a *Vida de Santo Agostinho*, de Possídio,¹ o fato é que, de todos os homens da Antiguidade, Agostinho é talvez – ao lado de Cícero – o que conhecemos melhor. Essa rara felicidade, portanto, de contarmos com testemunhas oculares e com o que o próprio Santo disse ou pensou sobre sua vida e sua obra dispensa, de início, o recurso aos estudiosos modernos, e, pois, aconselha que, numa introdução como esta – limitada ao essencial –, partamos do que ele próprio disse de si mesmo. Dessa maneira, revendo, ao fim da vida, todos os seus escritos, na intenção de se retratar pelo que lhe parecesse pouco cristão, eis como, nas *Retratações*,² Agostinho se refere ao seu tratado sobre *A música*:

Por este mesmo tempo em que estava para receber o batismo em Milão, também me pus a escrever os livros das *Disciplinas*, interrogando os que comigo estavam e não

¹ Cf. POSSÍDIO, *Vida de Santo Agostinho*, São Paulo: Paulus, 1997.

² Cf. *Retratações* 1,6. Esta e todas as traduções não abonadas constantes neste livro são de nossa autoria.

se aborreciam com tais estudos, e desejando como que a passo certo através das coisas corpóreas ou alcançar ou rumar, ao menos, até as incorpóreas. Deles, porém, só consegui terminar o livro sobre *A gramática*, que depois perdi de nossa biblioteca, e seis volumes sobre *A música*, que tocam aquela parte a que chamam ritmo. Mas esses seis livros escrevi já batizado e de volta à África, pois em Milão apenas começara a tratar dessa disciplina. Das outras cinco começadas lá também – isto é, a dialética, a retórica, a geometria, a aritmética e a filosofia –, só ficaram os princípios, que igualmente perdemos; mas penso que alguém os tenha.

Depoimento valiosíssimo, sem dúvida – quando mais não seja, porque, primeiro, nos revela o vasto empreendimento intelectual encetado pelo Santo logo após sua conversão, em 386, e que era dedicar um tratado a cada uma das chamadas disciplinas liberais; segundo, que a forma escolhida para esses tratados era a do diálogo filosófico, seguindo o exemplo direto de Cícero,³ e o indireto de Platão; terceiro, que o objetivo ou finalidade desse empreendimento era *passar do corpóreo ao incorpóreo*, fórmula célebre que usará mais de uma vez ao longo de *A música*; quarto, que logrou apenas esboçar esse empreendimento, do qual terminou só pequena parte, isto é, um tratado sobre a gramática, hoje perdido, e este (ainda assim incompleto) sobre *a música*;

³ Assim como Cícero (106 a.C.–43 a.C.), então longe da política, escreveu e ambientou as famosas *Tusculanas* na sua vila de Túsculo, nos arredores de Roma, assim também Agostinho, demitindo-se do prestigioso cargo de reitor, que ocupava na corte imperial em Milão, escreveu e ambientou três diálogos filosóficos na vila de Cassiciaco, propriedade do amigo e gramático Verecundo – a saber, *Contra os acadêmicos*, *A vida feliz* e *A ordem*. Além desses três – que são os “diálogos de Cassiciaco” –, Agostinho escreveu também *Os solilóquios*, *A imortalidade da alma*, *A quantidade da alma*, *O livre-arbítrio*, *A música* e *O mestre* em forma de diálogo. Cf., sobre o diálogo filosófico em Agostinho, B. R. VOSS, *Der Dialog in der frühchristlichen Literatur*, München: W. Fink, 1970.

e, quinto, que a composição de *A música* se situa entre um *terminus post quem* muito exato, que é o início de 387, quando o autor se encontrava em Milão à espera do batismo, e um mui provável *terminus ante quem*, que é a sua ordenação sacerdotal em Hipona, norte da África, no começo de 391.

Além disso, se se observam a abundância de tratados sobre as disciplinas liberais escritos entre os séculos IV e VI e a circunstância interessantíssima de que, no tocante ao que a Idade Média chamará de quadrívio – isto é, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música –, esses tratados surgem inextricavelmente ligados à leitura e exegese da obra de Platão,⁴ percebe-se que o empreendimento de Agostinho, sem prejuízo do que teve de original, se insere no quadro mais amplo da gradativa cristianização do mundo antigo, da qual a obra de Platão (e a sua própria) foi um dos grandes promotores. Ou seja, as disciplinas liberais, tais como Agostinho e os seus coevos latinos e gregos as concebiam e praticavam, não poderiam deixar de exortar à busca do incorpóreo através do corpóreo, porque, surgidas primeiro em círculos neoplatônicos, em que justamente essa busca era o que estava em questão, preservaram e transmitiram essa marca de origem às associações mais diversas e a toda a Baixa Idade Média, enfim, à medida que se sedimentavam como matérias obrigatórias assim da instrução leiga como da eclesiástica. Logo, mais que propedêutica à verdadeira sabedoria (que é o conhecimento desinteressado do Princípio criador e regedor de todas as coisas), da qual

⁴ Cf. *passim* I. HADOT, *Arts libéraux et philosophie dans la pensée antique – Contribution à l'histoire de l'éducation et de la culture dans l'Antiquité*, 2^{ème} édition revue et augmentée, Paris: Vrin, 2006.

em última instância estariam separadas, as disciplinas liberais são antes parte integrante dela, graças aos *números* que, comuns às coisas sensíveis e às inteligíveis – e, pois, aptíssimos a mediar entre ambas –, também são comuns aos princípios particulares de cada disciplina particular, da que versa assunto mais sensível à de mais inteligível assunto. De talhe e molde que, assim como o número harmoniza e unifica a múltipla heterogeneidade da criação, também unifica e harmoniza o saber especializado e cada vez mais abstrato que vai da gramática à música, por exemplo, como se pode ler sobretudo nos livros 1 e 2 desta obra.

Ora, o que se disse no parágrafo anterior nos parece argumento forte a favor da unidade de *A música*,⁵ decerto, embora a opinião contrária, segundo a qual o tratado se divide em dois – isto é, uma longa e, em última instância, desnecessária parte técnica e uma parte filosófica que mereceria atenção exclusiva –, não remonte a outrem senão ao próprio Agostinho. Com efeito, é ainda nas *Retratações* que o Doutor afirma o seguinte:⁶

Depois, como lembrei acima, escrevi seis livros sobre *A música*, dos quais o sexto recebeu mais atenção, pois nele se versa matéria digna de nota – a saber, como de números corpóreos e espirituais, porém mutáveis, se alcançam os números imutáveis, que estão já na verdade imutável, e assim “as coisas invisíveis de Deus, compreendidas pelas que foram feitas, visíveis se tornem” (Rm 1,20). Porque aqueles que as não compreendem, mas “vivem da fé em Cristo” (Rm 1,17), após esta vida vão contemplá-las mais

⁵ Cf. B. BAKHOUCHE, “Autour du *De Musica* de saint Augustin ou du nombre à Dieu”, *Revista de Estudos Latinos (RELat)* 6 (2006) 73-90.

⁶ Cf. *Retratações* 1,11,1.

certa e bem-aventuradamente. Aqueles, porém, que as compreendem, se lhes falta a fé em Cristo, único “mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5), com toda a sua sapiência perecem.

Como se lê, ao dizer que a matéria do livro sexto é “digna de nota”, e por isso ele “recebeu mais atenção”, Agostinho claramente minimiza a importância dos outros cinco – mas o faz também claramente, note-se, ao encarecer o primado da fé em Cristo sobre os mais sutis e complexos saberes humanos que possa haver, os quais, por sua vez, embora sutis e complexos, não são, contudo, capazes de nos conceder a vida eterna, que é o apanágio exclusivo daquela fé. Bem, vistas as coisas dessa maneira, não há mesmo o que replicar. Se, no entanto, como o próprio Agostinho afirma no exórdio ao livro sexto,⁷ se repara que os outros cinco são úteis para os estudiosos das letras mundanas, porquanto oferecem a eles, que, como tais, estão presos à carne, um caminho seguro para dela se desprenderem e, pouco a pouco, gradualmente, das coisas corpóreas ascenderem às incorpóreas e espirituais, então se conclui que esses cinco livros não podem ser tão desimportantes, e que, junto ao seu público específico, que são os homens de letras, cumprem a função igualmente específica de os conduzir à verdade imutável, predispondo-os à fé em Cristo, em quem essa verdade se consubstancia. E isso tudo – o que é mais – sem sair do domínio específico das mesmas letras mundanas, e, pois, mostrando como os saberes tradicionais, codificados nas disciplinas, concordam, no fundo, com a razão e com a verdade, e contêm em

⁷ Cf., abaixo, p. 215.

si algumas das centelhas que tornam irresistível o brilho da revelação. É estratégia incompleta, sim, se não se lhe seguir a adesão da fé – mas não só foi importante como importantíssima. Que o diga o Medievo cristão.

Seja como for, numa carta célebre ao também bispo Memório,⁸ datada de 408 ou 409 – quase vinte anos antes das *Retratações* –, já Agostinho emitia a mesma sentença condenatória dos primeiros livros de *A música*, e a mesma defesa do sexto e último, em termos, porém, bem mais minuciosos, e, pois, mais esclarecedores, dos que usaria vários anos depois. Pelo escopo e relevância do que nela se diz sobre *A música*, vale a pena aduzi-la integralmente:

Agostinho saúda no Senhor a Memório, varão beatíssimo e veneravelmente caríssimo, e sinceramente amantíssimo irmão e colega no episcopado

1 Nenhuma carta devia eu já mandar em resposta à tua santa caridade sem os livros que, na forçosíssima lei do santo amor, me demandaste, e assim ao menos obedientemente respondesse à epístola com que mais te dignaste de onerar-me que de honrar-me. Não obstante, aí mesmo onde caio, por ser onerado, me levanto, por ser amado, pois amado e levantado e estremado sou não de um qualquer, mas de tal varão e sacerdote do Senhor, e (sinto) tão agradável a Deus, que, quando elevas tua alma tão boa ao Senhor, também me levas, porque nela me tens. Logo, devia agora enviar-te os livros, os quais te prometera emendar: e não tos enviei porque não os emendei; não porque não quis, senão porque não pude, estando, pois,

⁸ Cf. *Epístolas* 101.

muitíssimo ocupado com muitas obrigações. Foi, porém, fatalidade e tristeza que o santo irmão e colega nosso Possídio, em quem acharás não pouco de nós mesmos, ou não te reconhecesse, ou te reconhecesse sem nossa carta, a ti que tanto nos amas. Porque, por ministério nosso, ele foi nutrido, não naquelas letras a que os escravos dos vários desejos chamam liberais, mas no pão do Senhor – quanto nossa estreiteza lhe pôde dispensar.

2 Ora, aos ímpios e iníquos que se querem instruídos nas artes liberais, o que se deve dizer senão o que lemos nos escritos que verdadeiramente libertam: “Se o Filho vos libertar, então sereis verdadeiramente livres” (Jo 8,36)? Porque por ele dá-se a conhecer o que em si mesmas tenham de liberal aquelas disciplinas que liberais são chamadas pelos que não foram chamados à liberdade. Com efeito, nada têm de congruente com a liberdade, senão o que têm de congruente com a verdade: daí esse mesmo Filho, “E a verdade, diz, vos libertará” (Jo 8,32). Logo, aquelas inumeráveis e ímpias fábulas, de que estão cheias os poemas dos vãos poetas, não concordam em nada com nossa liberdade; nem as infladas e polidas mentiras dos oradores; nem, finalmente, as boquirrotas argúcias dos próprios filósofos, que ou não conheceram absolutamente a Deus ou, tendo-o conhecido, “não o glorificaram como a Deus, ou deram graças: antes se desvaneceram nos seus pensamentos, e se obscureceu o seu coração insensato: porque, atribuindo-se o nome de sábios, se tornaram estultos: e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de figura de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de serpentes” (Rm 1,21-23); ou, se não